

COMPOSIÇÕES-QUARESMA: ESCREVER COMO INVENÇÃO

Fernanda de Oliveira Azevedo¹

Resumo: Na superfície de um modo de pesquisar que se constitui em encontros e arrombamentos, a escrita acadêmica se torna problema junto a uma pesquisa em educação. Movimentos do pesquisar disparam possibilidades de escrever em proximidade à invenção de modos de existir. Quaresma vai se tornando composição em dissonância com representação e em consonância com invenção. E com o exercício de compor quaresmas, vão sendo produzidas subjetividades. Junto a isto, uma escrita acadêmica vai sendo tecida como escape da submissão a modos instituídos de pesquisar e constituição de um modo fluido e vívido de compor uma pesquisa. Escrever como invenção, abusa da potência de diferir de si mesmo, tornando-se uma política de narratividade provisoriamente constituída.

Palavras-chave: Escrever; invenção; composição.

“Tenho medo de escrever. É tão perigoso. [...] Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga.”

(LISPECTOR, 1999, p. 3)

Tomo em minhas mãos umas folhas de papel de pão, meio amassadas, meio rasgadas, de tamanhos irregulares e de cor escura. Reuni-as dos embrulhos de alimentos comprados na venda do Seu Tito e que a mãe ou o pai traziam debaixo do braço no fim de tarde. Com disciplina e cuidado as colecionava no fundo do guarda-roupa baixo e velho que herdara da avó. Quando o chumaço se tornou numeroso, o tomei de lá para dar algum uso a ele.

Desde criança menor, me instigava escrever alguma coisa. Escrever coisas que me passavam na vida, desatando em invenção de pensar. E inventava lugares, pessoas e bichos. E suas conversas, seus gestos e seus silêncios. E inventava que a mãe me dizia isto e o irmão fazia aquilo e o pai entrava na invenção. Invenção era como se fosse uma coisa que me tinha acionado o pensar e o viver. E ia inventando continuamente: cada invento era momentâneo e parecia estar já no meio de outra invenção que ia me acontecendo. Frequentemente, suspeito de que vou sendo inventada nessa coisa de invenção também. Disto, me ocupo muitas vezes.

Agora que tinha estas folhas, me apressava a costurá-las, prendendo-as umas às outras sem que prendesse esta ocupação em escrever a um gênero ou estilo por obrigação determinada antes do exercício. Costurava-as com um pensar em como tornar isto que é vida e me acontece em mais uma invenção. Era assim que escrever também me acontecia. Como invenção se tornava fluido e preenchia páginas através de palavras que não se podiam reconhecer. E sem reconhecê-las, me debatia a inventar-lhes sentidos.

Uma vez, tinha me posto a escrever por um caso de que ouvi. Que havia um tempo de introspecção e vigilância, que também era de medo e assombro, que também era de coragem e aventura. E, de tantos modos de viver este tempo, o caso ainda me pôs a pensar que mais ele poderia. Dava-se invenção. Daí, costurando palavras, escrever vinha transbordando através de pequenas orações e de nomes e de modos que ia inventando.

Pronto: páginas amarelas costuradas. Empunho o toco de lápis e transbordam palavras. Para hoje, um encontro com uma delas dispara escrever: um verbo que vinha sendo inventado

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista do Acordo CAPES/FAPEMIG (processo APQ-03416-12). E-mail: azevedof.oliveira@gmail.com.

desde o encontro com aquele causo e que, tomando algumas linhas, alguns grafites e algumas destas folhas, compunha com elas mais uma invenção – quaresmar.

Quaresmar foi sendo inventado a partir de um encontro de criança com Quaresmas e quaresmas. Composição disparada pelo apelo da vizinha que reunia as sobrinhas e os sobrinhos às pressas quando, numa época de verão, o entardecer caía. Disparada pela mãe que quando menina se encolhia agarrada à barra da saia da avó e, anos mais tarde, me instigava contando que pessoas iam inventando quaresmas em que acreditar. Disparada pelo pai que contava de quase encontros com lobisomens e seres fantásticos. E as quaresmas que ia produzindo se diferenciavam de todas estas com que me encontrava.

Fazia-se uma possibilidade entre quaresmas e Quaresmas, através de uma produção provisória de sentidos. Lembro de uma vez, quando era criança, que perguntei à mãe porque que o cachorro se chamava cachorro e o gato se chamava gato. Pergunta estranha essa! E se o cachorro se chamasse nuvem ou arroz ou dez ou um nome “sem sentido”, tipo pacati? Ela me disse que um dia alguém deu um nome de cachorro para um, de gato para outro, de nuvem para outra, e assim por diante. Mas de onde esse alguém tirou esses nomes, mãe? Ela disse que “sei lá”. Fiquei ocupada com isso, até que pensei que foi do mesmo jeito que eu quis chamar o cachorro de pacati: foi inventando. Inventando nomes e sentidos, fazendo com que “sem sentido” se tornasse possibilidade de inventar.

Decidi viver inventando nomes e palavras. E, algumas vezes, inventar sentidos para palavras. Sentidos que eu não conhecesse de ouvir. Inventar-quaresmas.

E de quaresmas à invenção de uma ação: quaresmar. Ação de produzir, com que nos acontece, efeitos singulares e provisórios. Quaresmar tempo, quaresmar escolas, quaresmar culinária, quaresmar fruta no pé, quaresmar bicho de pé, quaresmar celulares e computadores, quaresmar matemática, quaresmar escrita. Fazer destas, outras. Ainda, provisórias. E se lançar a fazê-las. Inventar-lhes sentidos, disparado por modos como me afetam e de como me põe a pensar.

Quaresmar escrita e escrever: invenção e ação. O estilo, sendo quaresmar, coloca o escrever em constituição sempre. Não há o algoritmo da escrita, inventam-se modos e pensares. Escrever se faz com fluidez, como afeta e desemboca em palavras.

Inventar modos de escrever, escrevendo. Com a liquidez do que me acontece na aspereza da Quaresma, junto a esta rugosidade e que só se torna possível com sua presença, como seiva escorrendo pelo tronco da árvore velha que temos no quintal. Liquidez produzida com esta aspereza, inventando outras quaresmas e o quaresmar.

Produzir uma escrita inventando o acontecimento. Escrever acontecimento. E escrever como acontecimento. O estilo como disposição que opere em aproximação ao modo como opera o que perturba e faz produzir inventando. Preenchendo as folhas amarelas venho me dispondo e expondo em quaresmar escrita escrevendo e pensando o escrever. Desta ocupação agora me tomo e com ela exercito com o toco de grafite sobre o papel bruto.

Referências

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.